

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 2 de Novembro de 1856.

N. 10.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

X.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

Do espanto de Plaucio auferio Viriato grandes vantagens, pois que pode a seu bello prazer reunir mais gente, e chamar a que andava dispersa para poder offerecer-lhe batalha caso o Pretor o procurasse. Não obstante o silencio d'este, Viriato mandou guarnecer e fortificar os pontos que offereciam probabilidade de serem atacados, escolhendo para sua residencia um monte alto, que segundo Apiano ficava proximo a Evora. O lugar era ameno e aprasivel, abundante de fructos e vinhas; tornava-se tambem notavel por um templo erigido á deusa do amor, e como tal lhe chamavam monte de Venus. Aqui aguardara Viriato o seu inimigo. Em pouco tempo teve conhecimento de que Plaucio, rodeado de um respeitavel exercito, lhe vinha offerecer batalha. Viriato não mudou de terreno e com aquella bravura que tanto o distinguia, recebeu os Romanos.

A vantagem do combate era do primeiro, seus soldados batiam-se como leões, e os Romanos julgando-se perdidos abandonaram o campo. Plaucio desesperado poz-se á frente dos fugitivos, animou-os e accommetten de novo. A victoria foi vivamente disputada, de cada lado se obravam prodigios de valor, e nenhum excedeu aos dous capitães. Apoz duas horas de renhida luta ficou Viriato senhor do campo, de muitos prisioneiros e de algumas bandeiras. Plaucio procurou a fuga com poucos soldados de cavallo, e temendo ser perseguido recolheu-se á Andaluzia, tendo o cuidado de procurar as cidades mais fortificadas. Seguiram-se as represalias. Viriato mandou passar á espada um bom numero de

Romanos, reservando alguns captivos que dividio pelos seus soldados. Nesta batalha os conquistadores perderam a sua melhor gente. Baldos de recursos, envergonhadõs, dispersos, os poucos que sobreviveram encarregavam-se de proclamar por toda a parte que o poder da orgulhosa Roma estava extincto na Lusitania.

Houve até quem dissesse que Viriato ia passar á França, e á semelhança de Annibal por cerco a Roma, assegurando-se da Italia. Eis aqui como a fama de Viriato se estendia a toda a parte.

Moralese o nosso André de Rezende, affirmam que apparecera no monte de Venus uma pedra com esta inscripção :

« Eu Lucio Silo Sabino, recebi uma grande copia de feridas na guerra que se fazia contra Viriato, no campo de Evora, da provincia da Lusitania, e assim ferido fui levado diante de Pretor Gayo Plaucio em hombros de soldados, e ali mandei fazer esta sepultura á custa do meu dinheiro, na qual é minha ultima vontade se não enterre comigo, homem, servo nem livre. E fazendo-se o contrario queria que os ossos de qualquer que ahi for enterrado se retirassem d'aqui, se minha patria escapar com liberdade. »

Reproduziõs textualmente a inscripção para que ella não perca a sua originalidade.

Das ultimas palavras della se deduz que não eram iufundados os boatos de conquista por parte de Viriato, cujo valor attestam muitas pedras semelhantes a esta. O mesino Rezende, apoiado em Florião de Campo, chronista do Imperador Carlos VI, dá conta da seguinte :

« Quinto Longino foi morto em sua mocidade pelas armas do inimigo, nos campos da Lusitania, pelejando contra Viriato; e Marco Regulo, Tribuno dos soldados, lhe sepultou os ossos neste sepulchro de marmore. Ficai-vos em paz soldados Romanos. »

Estas e outras memorias provavam que o poder de Viriato e a isempção da Lusitania estava no seu nome, cuja fama fez por mais de uma vez estremecer o zimbório do Capitolio.

(*Continúa.*)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

NOVAS.

(Continuação).

Recebi ha meia hora esta carta, disse Martha a Carlos, logo que se acharam a sós; com quanto ignore as relações que existem entre o senhor e a filha do doutor Rego, advinho que a leitura d'ella hade interessal-o.

Aquelle pegou na carta com um movimento convulsivo, e leu:

Tia Martha.

« Lourenço de Castro é um malvado! Com menos crimes já vi condemnarem-se homens á *calceta*! Não se admire por fallar-lhe d'este modo, porque se tenho consentido tacitamente nas circumstancias que precederam a minha sahida d'ahi, ignorava que Lourenço ousasse passar além das conveniencias, ou por outra fazia d'elle uma idéa mais favoravel. Entendo que devo participar-lhe o que hei visto, pois que o resultado tem infallivelmente de envolver a sua protegida Mathilde, e eu não quero tomar parte nas intrigas e manejos de Lourenço de Castro.

Escrevo esta impressionado ainda dos martyrios que este infame tem inflingido á pobre Luiza. Pretendi obstal-os, mas a minha coragem e indignação teve de ceder á influencia de alguns protectores occultos do meu homem, que continúa a zombar das consequencias do seu crime. Paremos um momento n'esta villa, porém a demora será pouca, em razão de Lourenço ter escolhido um lugar occulto e ignorado, onde pretende esconder a victima da sua inqualificavel luxuria. Comprehende que não tenho revelado á authoridade competente o rapto de Luiza porque sou cúmplice d'elle, e necessariamente tomaria parte no processo.

Evito esta desagradavel occorrenca dirigindo-me a Vm. sob segredo, e como confio na sua lealdade tenho convicção de que o não revelará senão aquellas pessoas de quem dependerem as providencias a este respeito. Declaro á face de Deos que nunca soppuz que Lourenço raptasse Luiza para fazer d'ella seu *joguete*, entendi que se tratava simplesmente de um casamento por este meio, e foi isto o que colligi d'algumas

palavras que Lourenço me disse ao convidar-me para auxiliá-lo.

Em todo o caso acceitarei as consequencias da minha asneira, como castigo á minha demasiada condescendencia.... Dão-mos ordem de continuar em nossa viagem; agora que começava a escutar commovido os canticos de festa aos *Reis Magos*!.. Creio que vamos em direcção de *Travanca*.

Saude e felicidades.

Seu etc. etc.

ALEXANDRE DA SILVA:

Armamar, 5 de Janeiro de 1847, ás 8 horas da noite.

Pela leitura d'esta carta conhecerão os leitores a impressão que ella devia produzir no espirito de Carlos.

A Providencia começava a revelar-se, o mancebo sabia a direcção que Lourenço tomara, era bastante; o seu amor por Luiza completaria o seu pensamento.

Obrigado, disse elle a Martha: prestou-me um serviço que jamais olvidarei; se não exigo muito posso ficar com esta carta?

E' um documento importante e que compromette Alexandre, respondeu a velha, mas estou certa que o Sr. não abusará muito d'elle; com esta condicção consinto no seu pedido.

Oh! não é de Alexandre que desejo vingar-me, é de Lourenço! tornou Carlos.

Para esse ha uma mulher que possui um segredo terrivel, um desses segredos que a campá esconde...

Segredo que a campá esconde!... não compreendendo, redarguiu o mancebo confuso.

Os mortos fallam? perguntou Martha.

Não o creio.

Pois os vivos tambem não podem fallar. O segredo é de dous, um está na Eternidade, o outro não pode revelá-lo... Não me interrogue Sr. Carlos, o meu nascimento consummou-se talvez sob terriveis auspicios, a fatalidade acompanha-me sempre e tão implacavel, tão tyranna que nem posso chamar filha a uma menina que Deos se servio dar-me de uma ligação criminosa. Adeus.

E sem escutar o mancebo que a interrogou sobre estas mysteriosas palavras, Martha desapareceu por uma das ruas do jardim.

Feiticeira ou não feiticeira, disse Carlos regressando á varanda, veio talvez contribuir para que Luiza seja vingada... Vamos, prosequio elle, apóz um instante de reflexão, começo a crer que o diabo está cansado já de proteger seu irmão Lourenço. O nome que tem, nada faz ao caso.

O doutor Rego esperava Carlos com impaciência, as palavras pronunciadas por Martha na varanda eram mais que bastantes para lhe provar que a sorte de sua filha se ia decidir.

Nada? perguntou elle logo que avistou o manco.

Este apresentou-lhe a carta.

João... João!

Que pretende fazer Sr. doutor?

Que pretendo fazer? que faria o Sr. em meu lugar?...

Mas para que o creado?

Para sellar o meu cavallo e acompanhar-me a Armamar.

E acha-se com força de fazer uma viagem incerta e cujo resultado será talvez um triste regresso?

Por minha filha iria ao fim do mundo se mister fôsse; agora que sei o destino que lhe deram, agora que tenho esperanças de encontrá-la, heide ficar, ficar aqui, isolado, entregue a minha dôr e ás pungentes recordações da desgraça que pesa sobre mim! oh! não sinto-me com coragem deprehender tudo para abraçar a minha Luiza. Morresse eu nesse momento, mas quero minha filha!

Acompanhal-o-hei, mas será para a vingar

O creado, que viera ao chamado do doutor, appareceu pouco depois, dizendo que os cavallos estavam sellados.

Vou a casa, disse Carlos, demorar-me-hei o tempo necessario para tomar as minhas pistollas.

Tristão que havia sahido da varanda, entrou no momento em que seu sobrinho pronunciava as ultimas palavras. Aquella terminação não lhe agradou muito porque fez um gesto de espanto e receio, com o qual pensava talvez arredar de Carlos as suas idéas hostis, este porém não viu ou fingio não ver o movimento de seu tio, e retirou-se.

O doutor tinha tal impaciencia em partir que nem mudou de roupa. Calçou unicamente umas botas de montar, armou-se tambem e apertando a mão do seu amigo sahio para a margem do rio pelo interior da casa. Tristão esbaforido, pallido e tremulo acompanhou-o.

Está louco, doutor, dizia elle, correndo sempre; armar-se por uma cousa tão simples, expor-se aos azares de uma viagem d'estas. Aquelle porém não o escutava, em qualquer outra circumstancia as palavra de brasileiro seriam acolhidas pelo doutor com a bondade que o caracterisava, mas neste momento uma idéa importuna emmudecia-o.

Carlos não se fez a esperar muito tempo, appareceu montado em um bello cavallo, que parecia animado dos mesmos desejos de seu senhor.

Partamos, disse elle despedindo-se de Tristão. Partamos, tornou o doutor.

E n'um instante os tres cavalleiros se confundiram sob espessas nvens da poeira.

O brasileiro regressou tristemente para casa, aonde o esperava uma afeição como elle nunca tivera.

Mathilde era talvez a unica pessoa que podia comprehender este caracter caprichoso, mas ao mesmo tempo digno de respeito.

(Continúa).

O que resta? . . .

Portugal foi uma nação poderosa, não só pelas suas façanhas guerreiras e de conquistas como pela bravura de seus filhos. Sempre aguerida e coberta de gloria foi a sua marcha desde Valdevez até Aljubarrota, e d'ahi até as mais remotas regiões de Africa e Asia.

Seus filhos cheios do mais vivo enthusiasmo pela religião alistavam-se para irem longe da patria pelejar corajosamente; avassallando o Nilo e o Ganges, e desdobrar o estandarte das quinas sobre os mais famosos baluartes inimigos, triumphando de valentes exercitos que belluinos corriam em defeza da sua religião e da sua terra invadida.

A audacia dos guerreiros Luzitanos triumphou de tão fortes combatedores a niquitando impios monstros em lutas pavorosas, e hastiando os victoriosos Lusos estandartes em Ceuta, em Tanger. etc. etc.

Ainda os Portuguezes não tinham tocado a méta da sua gloria, elles não estavam satisfeitos seus projectos tanto quanto anhelavam: devia-se realisar o sonho do feliz Monarcha D. Manoel, satisfazendo assim seus desejos conquistadores.

Com effeito, a frota destinada para fazer as descobertas, deu a véla, e as quinas guerreiras sulcaram ufanas as aguas do aureo Téjo, abençoadas por um povo, que jubiloso entoava canticos ao Ente-Supremo, para que um evento feliz ainda uma vez corôasse os denodados armigeros.

Deos assim o quiz; e o grande Monarcha vio admirado a realisação de seu sonho com a volta da sua armada e dos esforçados Lusos seus vassallos, portadores de tão desejadas novas.

A noticia correu com a velocidade do raio espalhando-se por toda a parte, e o mundo inteiro deu um brado unisono de admiração por tão glorioso acontecimento

As nações estrangeiras quizeram imitar-nos fazendo seguir com destino ao Oriente innume-

raveis navios como o intento de participarem do fructo da descoberta. Então Portugal cheio de orgulho correu imperioso aos mares, novas frotas appareceram por toda a parte, obrigando a regressar aquelles que procuravam usurpar-nos. Todos os dias mais um feito brilhante vinha elevar nossas glorias enriquecendo a corôa dos Affonsos, e o bramido dos incansaveis e trovejantes bronzes saudar as quinas que vaidosas se desenrolavam com o sopro do zephyro.

Eis ali uma das épocas de grandezas de Portugal extenção de dominios, riquezas, esquadras exercitos invenciveis que attestavam e garantiam esse poder que se estendia desde o Tejo até quasi todo o littoral da Africa, desde Ceuta até ao Mar Roza, e desde ali todo o Oriente até as Costas da China e de todo o Japão.

Mas ali! que após tanta immodica gloria sobreveio o infortunio!

A intentada conquista de Marocos accelerou a quêda de Portugal.

Mas que importa? se mais tarde succedendo elle o pezado jugo do captivo, altivo volve a occupar o lugar de primeira nação.

Quando isto succede, o Reino é escravo da Hespanha, seus cofres são propriedade do tyranno Felippe, quo sustentado por um formidavel exercito, julga tornar de Portugal sua escrava Colonia.

Ah! que lisongeiro, mas fatal engano! Seus fementidos projectos vão ser nada em vista do valor lusitano.

Eia! Portugal desperta de seu diffuso dormir; meia duzia de heroes Portuguezes, em cujas veias ainda gira aquelle sangue de tão briosa progenie, correm ás armas, uns brandindo a sempre ardente e fulminante espada, outros a ferrea lança, corajosos se arrimessam sobre as filas das ferventes tropas inimigas reconcentradas na maior força em Lisboa, juncando de cadaveres as ruas da cidade, que pareciam sanguineos campos.

Victoria! Victoria!

Erão os vivos entusiastas dos vencedores, que reboando por um immenso espaço iam repercutir no coração daquelles que longe do combate e não sabendo de tão glorioso feito, não haviam n'elle tomado parte. Inflammado então o povo pelo ardente fogo da liberdade, corre ao lugar do combate lançando-se ferino sobre as perfidas phalanges que já fraquea, desanimam, tremem e fogem sem esperar pelo premeio dividido a sua temeridade.

E' então que os fieis Lusitanos pelas vozse do santo patriotismo despedaçam os grilhões de Castella, devinizando o nome da nação e gloria sua!

Depois de alcançada a liberdade, esse symbolo adorado por um povo sempre livre, vereis a nova senda que Portugal trilha.

Com muitas difficuldades os Portuguezes ainda lutam; mas o que é isso a par dos bons desejos de legar ao mundo um nome bravo e heroico?

Já não são as conquistas nem os combates que elles querem, não por que sua bravura todas as nações conhecem. Agora é a agricultura, são as artes, as sciencias e a litteratura que apparecem para sermos mais felizes. Olhai para esses reinados que se seguiram ao ultimo episodio de nossa gloria guerreira, e vereis como em Portugal tudo se desenvolve.

O reinado do immortal D José, coadjuvado pelo sabio Marquez do Pombal foi um dos da nossa riqueza invejada pelas nações estrangeiras, ainda mesmoppor aquellas que nos olharam com indifferença.

Pombal creou companhias com grandes fundos para augementar a lavoura e o commercio; animou a navegação de uma forma, que fez de Lisboa o emporio das riquezas orientaes, elle affrontou o orgulho inglez, que já principiara a disputar a Portugal o que não pertencia a Inglaterra; mais que tudo elle castigou os grandes fidalgos inimigos da Corôa; e banio uma instituição, que a todas as nações ia sendo fatal.

Morre o Monarcha magnanimo; a quem Portugal erigio a famosa estatua, modelo de todas as que se tem levantado para gloria dos grandes, que isso se tornam merecedores: Pombal deixa de ser ministro, porém com a gloria de ver Portugal em progresso espantoso, e seus cofres abudantes em centenas de milhões de cruzados!

O que resta pois de todo esse esplendor?! ...

Raro vislumbre de nossa passada gloria!

Rio de Janeiro 24 de Outubro de 1856.

SEMEÃO PINTO VICTORINO.

● salteador.

E' meia noite!

Olhai .. não vedes lá distante, sobre aquelle outeiro, o brilho moribundo de uma luz, por entre as frestas de um pequeno casebre?...

Sabeis de quem é essa habitação? E' de um ente execravel sobre a terra. E' do salteador. E' do assassino em gím!

Aproximai-vos desse casebre e examinai o que se passa dentro.

Um homem nelle existe, o qual tem ante si, um pouco de ouro que passa hávido de uma a outra mão.

Um sorriso de condemnado paira sobre seus labios.

Escutai-o.

— Cinco moedas!... que bella recompensa por um tão pequeno trabalho! ah! se todos fos-

sem como este ! apenas um só golpe e eil-o sem vida... Tudo corre emfim á medida dos meus desejos... Mais alguma presistencia de minha parte, mais algumas presas como esta, mais algumas vidas, e este casebre será transformado em palacio. Este ouro será tresdobrado.

Todos humilhar-se-hão a meus pés, e serei respeitado por esses mesmos que hoje me chamam vagabundo !...

Callou-se alfim.

O travesseiro de uma pequena enxêrga é o cofre, em que deposita o fructo de seus horrorosos crimes, onde logo apoz reclina sua enrugada fronte... Com um assopro apaga essa luz amortecida.

Um raio da lúá, porém, prepassa essas frestas por onde examinaes. Com essa luz ainda podeis ver que elle fecha as palpebras procurando conciliar o somno ; mas embalde, porque em sua recordção existem todos os horrores de suas atrocidades e com ella não pode obter descanso. Dá mil voltas em sua fragil enxerga ; e por fim morpheu de si se apodera...

Em breve porém eil-o despertando horrorizado ; pois acaba de ver em sonho, ante si, a victima por suas mãos ainda ha pouco immolada, com um punhal erguido chamando assassino ! extremece e olha em rodor de si espavorido !

Tudo é repouso ; todavia elle julga estar vendo a realidade de seu sonho terrivel !

Se esse homem, se homem se pode chamar a essa fera indomita, com animo para sacrificar á sua ambição quantos se lhe aproximem, treme agora do rugir do mais pequeno insecto julgando ver d'elle surgir um fantasma idiondo para o arrastar as profundas dos abysmos, aonde ha muito tem botado corpo e alma...

Levanta-se blasfemando ! Passeia de um ao outro lado de seu estreito aposento... Para de repente como inquieto... Attenta o ouvido... Continúa o seu passeio... Pára mais outra vez... Como que presente alguma cousa. Corre a uma pistola á cabeceira de seu leito ; depois de a ter examinado attenta mais o ouvido.

Continúa o silencio.

Torna a depôr essa pistola no lugar já sabido, e derije-se a uma pequena janella, que abre com precaução ; lança vagaroso a cabeça do lado de fora ; olha para todos os lados : nada o chama a attenção.

Ouvir o cantar melodioso dos passarinhos ? o manso mormurio da lympha ? o ciciar das brizas ?

Olhai seu rosto.

Em vez de apresentar commoção a tanta poesia elle contrahido apenas apresenta indignação !

Retira-se para dentro, pega nessa pistola ainda há pouco deposta e mettendo-a em um de seus

compridos bolsos, cobre-se com um chapéo de longas abas e dirige-se para aporta ; dá uma volta na chave da mesma, e sai.

Sabeis aonde se encaminha ?

Vai em procura de novas victimas... fugi d'elle, temêi que vos divise ; pois nesse momento é peor do que o tygre furioso no deserto !

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Um conto:

Meu bom pai, tinha um livro grande, de historias, que nos lia nos domingos, d'algumas que me lembro, uma merece-me muita attenção, e creio a ninguem poderá fazer mal, n'esta persuasão vou conta-la. Um pai tinha um filho, quando rapaz o mandou ganhar a vida, aconselhando-o que fosse bom, chorasse com quem chorasse, risse-se com quem se risse, e ouvisse missa sempre que passasse por igreja, onde se estivesse dizendo; fôra este ser criado d'um rei; e suas excellentes qualidades o fizeram logo muito querido da rainha.

Slario em palacio um criado, antigo, que vendo ser este mais bem tractado o tentou perder; disse ao rei que entre este, e a rainha, haviam relações illicitas, e que se quera verificar a verdade do que lhe dizia, maguasse a rainha, e notaria o mocinho sentir-se igualmente, o rei o fêz e o mocinho sentio-se. Encolerisou-se o rei, e resolveu mata-lo.

Não longe do palacio haviam uns fôrnos de fazer cal, ao fabricante mandou dizer o rei, que quando lá fosse um mocinho dizer-lhe, faça o que el-rei mandou, o queimasse, sem lhe attender a nada que dissesse. Dada esta ordem mandou o rei o mocinho. Entre o palacio e os fornos havia uma capellinha, ao passar o mocinho, dizia-se n'ella missa, lembrou-se elle dos conselhos de seu pai, foi ouvi-la. O criado antigo tardando-lhe a noticia da morte do mocinho, pediu ao rei que o deixasse ir saber se sua ordem tinha sido cumprida, o rei o deixou, caminhando até apressado, chegado lá, perguntouse tinham cumprido a ordem do rei, o fabricante pegou nelle e o queimou, não obstante suas declarações. Acabada a missa o mocinho foi ao fabricante, [lhe disse, faça o que o rei mandou, o fabricante disse-lhe, ja fêz. O mocinho voltou a palacio. O rei ao vel-o admirou-se, perguntou-lhe se tinha ido onde o mandara, sim real senhor, respondeu elle. Que disseram? senr. já tinha-se feito o que vossa magestade mandara. O rei mandou logo saber o que tinha havido? e verificou-se terem

queimado o criado antigo. Perguntou o rei ao mocinho o que fizera depois de ter sabido de palacio, respondeu o mocinho, que fora a missa, por que seu pai lhe tinha dicto que chorasse com quem chorasse, risse com quem se risse, fosse a missa sempre que passasse por igreja, onde se estivesse dizendo. O rei reconheceu a falsidade, bem disse o castigo do intrigante, e premiou generosamente o bom mocinho.

26 de Outubro de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

POESIAS.

Parodia.

O. D. C.

A UMA VELHA GAITEIRA

Se eu fôra um espelho, mas d'estes modernos,
Que em velhas faz moças de outr'ora voltar,
Provar-te quizera quanto és pretendida,
Em fé teres inda que alguém te hade amar!

Mas logo, mentindo
Tornar-te mui bella,
P'ra não me atirares
Por uma janella.

Se eu fôra uma sege, com forte parelha,
N'um dia de chuva por mim a puchar,
Teus finos vestidos de cassa bordada
Quizera com lama poder salpicar.

E logo, zangada
Ver n'um corredor
Metter-te, esperando
Por tempo melhor.

Se eu fôra janota de bons collarinhos,
Porém sem pataca no bolso contar,
Quizera, em extremo, dizendo adorar-te
À Igreja levar-te, contigo casar!

E após teu dinheiro
Mui prestes gastando
A sós te deixara
De ti me apartando.

Se eu fôra uma pipa, mas d'estas carroças
Nos cantos das ruas que é moda encontrar;

Com um solavanco, meu ventre já cheio,
Quizera entornar-me por ti ao passar!

E vêr-te fugindo
P'ra casa cheirosa.
C'um vidro nas ventas
D'essencia de rosa.

Se eu fôra uma casca de podre banana,
Na rua por onde tu fosses passar,
Quizera pozesses em mim teu pesinho
P'ra logo de costas poder-te pregar!

E logo os moleques
De ti em redor
Eu vêr, te chamando
De madre prior.

Se eu fôra poeta, Novaes, que inda mesmo
Nem lyra tivesse p'ra a minha igualar,
De quanta matrona gaiteira ha no mundo,
Eu n'ella, far-te-hia rainha sem par!

E após satisfeito
Por caros tropheus,
Em paga aceitara
Trez chochos dos teus.

Mas eu não sou casca, janota ou espelho
Nem sege, poeta, nem pipa a entornar....
Sou um pobresinho que, se ando na terra,
É por vêr os outros tambem n'ella andar!

Mas que ao vêr-te a esp'rança
Não perde, isso não!
De vêr inda o mundo
De costas no chão!

JOÃO DANTAS DE SOUSA

A Rosa do Vergel

Linda roza das-me um beijo,

Só desejo

Um beijo te poder dar.

Meu coração é sincero,

Mais não quero

Mas quero-te sempre amar.

Neste vergel afastada

Izolada

Diz-me roza és tu feliz?

Responde, mas. . . ficas triste
Te sentiste
Da pergunta que te fiz?

Mas que vejo?em tua côr
O pudor!...
Já comprehendo... ~~mas~~ então.
E no retiro sómente
Livramento
Encontras consolação.

Quanto és mais feliz do que eu!..
Qué de meu
Ausente de Portugal.
Proscripto sempre a vagar
A chorar
Soffro, gemo, por meu mal

Rio, 21 de Outubro de 1856.

F. C. MARTINS DA COSTA.

Innocencia.

Minha Julia, tu não queres
Um beijinho todo amor
De teu amante querido
De teu pobre trovador?

Tu coras? triste louquinha,
Por que coras anjo meu?
Este beijo que te offereço
Amor t'o dá e não eu.

Recebe, meu bem, recebe
O beijo que amor quer dar-te;
Nunca foi crime um só beijo
Receber em toda a parte.

Recusas? p'ra que tu, Julia,
Recusas um beijo assim?
Se a amor não queres dar gosto
Da-me o gosto para mim...,

Meu beijo, affim, aceitas-te.
E delle gostaste bem!
A prova disso è qu'um beijo
Deste-me em troca tambem....

Rio de Janeiro, 1.º Outubro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Recordações

Ventura, porque passte?
Passado, porque murch este?
Azevedo.

Foi em noite como esta,
Doce a brisa na floresta
Seus segredos murmurava,
A lua no céu fulgia,
Mansa a onda que gemia
Na praia a concha beijava.

E ella. pobre menina. .
Pallida a face divina.
Cabellos soltos ao ar.
Em meu collo reclinada
Era uma nympha deitada.
Sobre um rochedo no mar.

E seu rosto sempre triste,
Qual a florzinha que existe
Entre espinhos esquecida.
Tinha do lyrio o alvôr,
D' asçucena o candor
Da saudade a dôr sentida

Dormia sobre meu peito,
Mas em seu rosto desfeito
A dor seus dias velava,
Velava que dentro d'ella
Da innocencia a voz singela
Com gemidos supplicava!

Quem sabe se em negro sonho
Algum fantasma medonho
Da pureza escarnecia?
Oh não que ella era pura,
Nunca um sonho de perjura
Sua alma manchar podia.

E' que a innocencia, a candura
Estremece á chamma pura
Que no peito atear sente,
E da paixão n'esse embate.
Vem o pudor, e combate,
Mas vence o amor ardente.

Acordou, e n'um suspiro
Ab que lembranças, deliro.
Os olhos erguendo ao céo,
Juro amar-te, diz-me, e logo
Dos olhos o lindo fogo
Em pranto se convertêo,

E outra vez em meu seio
Occultar seu pranto veio
Que bem mau prezagio era,
Um amor que se gerava
Da innocencia que chorava
Antes, antes não nascera

Virgem, virgem, que fizeste
Da corôa que teceste
Dos meus sonhos de esperança,
Enchafurdaste no lôdo
Minha crença, o porvir todo!
Só me deixaste a lembrança!

J. SANTOS SABINO.

O jardineiro e a flôr.

Tu cuidastes linda rosa.
Porque viste (pressurosa)
Eu te dar sombra feliz...
Que buscara no futuro
Vir a gozar doce e puro
Teu aroma e teu matiz!

D'esse sol abrazador
Carinhoso e sem amor
Se eu então te guardei,

Foi só porque nesta vida
Não quereria ver perdida
A linda flôr que gozei ;

Que gozei bonita rosa,
Na roseira, mui viçosa
Pela brisa embalançada ;
A's vezes no chão cahida,
As vezes d'hastea pendida,
As vezes no ar orvalhada.

Era em ti que a natureza
Representava a lindeza,
Deste reino... nestas flôres...
Eu fui só o jardineiro
Qu'empreguei em ti primeiro,
Vigilancia e dissabores.

Mas agora que crescida,
Podes ir roza querida
Para algum peito murchar :
Uma roza deve emfim,
Abandonar o jardim
Antes do tempo a seccar.

Vai querida, sem pezares,
Que o lugar que tu deixares
Ainda pôde dar flôres :
Será dessas d'hora avante
O meu desvelo constante,
Meu querer, e meus amores.

E depois que tu sahires
D'esse jardim... se me vires
Ai ! não creias te conheço ;
Essas flôres que criei,
Depois que a outras entreguei,
Ora sempre dellas m'esqueço.

Rio, 26 de outubro de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO